

CASTELO BRANCO, CIDADE QUE VIVE À MARGEM DE SALVADOR.

Apesar de contar com uma população significativa, em torno dos doze mil habitantes, o Conjunto Habitacional Castelo Branco não dispõe de uma infra-estrutura que compense as dificuldades de seus moradores em morar longe. A cidade, com suas comodidades, está, às vezes três horas distante, motivo pelo qual o único armazém que explora o comércio na região tem sua própria tabela de preços.

Funcionário do Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS), o pai da professora Maria Pereira da Silva, moradora do Conjunto Castelo Branco, é obrigado a levantar todos os dias às seis horas da manhã para chegar no trabalho às nove. A professora explica: "o transporte aqui é um problema. Geralmente os ônibus passam cheios, e para não chegar atrasado ele sai no carro de 6:30hs".

Situação idêntica enfrenta a mulher de Manoel de Jesus Rodrigues: ela sai às seis horas de casa para chegar no trabalho às 7:30hs. "Mas o pior é a volta — afirma ele — pois tem que tomar um ônibus na Rodoviária (sua mulher trabalha no Shopping-Center Iguatemi), ir até o terminal da Barroquinha, suportar a espera na fila e pegar outro ônibus, que só vai deixá-la no ponto do conjunto por volta de 21 horas". Todos os moradores estão reivindicando mais linhas de ônibus.

O transporte coletivo, porém, é apenas um dos muitos problemas do núcleo, hoje com uma população calculada em torno das 12 mil pessoas. Quem mora na terceira etapa, por exemplo, (fim de linha) para comprar um quilo de feijão tem que andar cerca de 1.500 metros, até a primeira etapa, onde há um pequeno armazém.

POUCA ASSISTÊNCIA

Mas os moradores preferem "fazer feira mesmo é na cidade". É o caso de Manoel de Jesus Rodrigues. Ele só faz compras uma vez por mês, e mesmo pagando 25 cruzeiros de táxi para levar as sacolas até sua casa diz que compensa. "Aqui o quilo de feijão custa Cr\$ 8,50, e na feira de São Joaquim eu compro por Cr\$ 6" — afirma. A mesma coisa ocorre com o quilo de



tomate: no Conjunto Castelo Branco custa até Cr\$ 5, enquanto que em mercearias do centro o produto está tabelado em Cr\$ 2. Mas os moradores já estão mais otimistas, pois a organização Paes Mendonça começou, na semana passada, a limpar um terreno para construir um supermercado na terceira etapa.

O estabelecimento será construído no local onde era jogado o lixo dos residências. "Agora a gente não sabe onde vai jogar o lixo", diz Maria da Silva, justificando que a população criou o hábito de depositar detritos ali mesmo no bairro porque a coleta só é feita de quatro em quatro dias, "quando não demora até uma semana". Lá, também, não é feita a limpeza de rua.

Um outro problema, é a inexistência de rede de esgotos para atender as quase duas mil residências do conjunto, cuja primeira etapa foi entregue aos mutuários há questão de cinco anos. As casas, apesar de bem construídas, apresentaram alguns defeitos no sistema de encanamento e também no telhado, já reparados.

FALTOU VAGA

Em cada etapa do Conjunto Habitacional Castelo Branco funciona uma escola, "mas este ano houve problema de vagas", afirmam os moradores. Das sete pessoas da família de Maria Pereira da Silva, cinco estudam e quatro são obrigadas a pegar duas conduções para chegar até colégios de Mata Escura, Pirajá ou da Ribeira. Somente em passagem de ônibus eles gastam cerca de Cr\$ 260 por mês,

sem contar as aulas de educação física, que são três vezes por semana".

Mesmo assim, e apesar das prestações de muitas residências terem subido de Cr\$ 115 para Cr\$ 363, em um período de dois anos, como é o caso de um mutuário da rua D, na terceira etapa, os moradores do Conjunto Habitacional Castelo Branco recebem atendimento médico gratuito, num Posto de Saúde montado pela Prefeitura de Salvador, logo na entrada do núcleo.

LUGAR TRANQUILO

"Uma vantagem de se morar aqui é o sossego" diz Elias de Araujo Almeida, chefe do Posto Policial, que atua em seu trabalho de agente de polícia "para apartar uma ou outra briga de vizinhos". Mesmo sendo um lugar pacato, porém, os moradores ainda recordam do assalto a uma padaria, às 10 horas da manhã, um caso recente.

Mas quase ninguém se mostra preocupado com ladrões e há os que afirmam que a Colônia Penal de "Pedra Preta" (nos fundos do conjunto e onde até há bem pouco tempo os quase dois mil presidiários tinham a tarefa de quebrar pedras) é que afasta os marginais.

Embora haja esse sossego, os moradores sentem também a falta de área de lazer (as ruas são pouco arborizadas), para o divertimento de quem trabalha a semana inteira, pois para ir a praia, aos domingos, a gente se vê obrigado a andar uma hora e meia de ônibus para chegar até Itapuã", alega um morador.

